



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Ao contemplar as agremiações que existem na nossa terra, uma pergunta nos ocorre fazer: seriam os antigos mais bairristas que os actuais fangueiros? Há um aspecto a ter em conta: O Estado não intervinha tanto nas povoações como o faz agora. É por exemplo o caso dos Hospitais e dos Bombeiros. Eram as povoações quem criavam estes organismos de assistência e daí a interferência dos particulares na sua gestão. As galerias de retratos tanto da Misericórdia como dos Bombeiros são testemunhas evidentes dessa filantropia praticada por beneméritos locais.

Agora a assistência como que se nacionalizou, o povo não se vê obrigado tan-

to a intervir, mas há ainda organismos que vivem quase do esforço exclusivo das populações. Entre outras agremiações destacamos os clubes de futebol. Sobretudo em terras pequenas como a nossa eles traduzem a expressão do valor económico das regiões e ao mesmo tempo constituem o termómetro verificador do clima bairrista das gentes.

O DILÚVIO

Ora, olhando ao redor do concelho, verificámos que existem nove clubes desportivos e, tanto quanto julgamos saber, tem sido o clube F. de Fão aquele que mais dificuldades vem tendo para apresentar um elenco directivo. Fazem-se cinco ou seis assembleias. Em regra, a essas sessões não comparecem mais de quatro ou cinco associados. E o resto da malta? Fica em casa a ver televisão, essas terríveis tele-

novelas brasileiras, ou vai para o clube jogar as cartas.

E no entanto, ali ao lado, vemos uma terrinha como Gandra que mantém um clube activo que ainda por cima se dá ao luxo de vir a Fão aliciar jogadores. Os atletas locais, por sua vez, não esperam sequer que o Presidente da Assembleia Geral alije a criança, que traz ao colo, em braços mais possantes e mudam facilmente para outras paragens.

Quase em cima da hora, quase por milagre, lá aparece alguém, ou se convence alguém, seja quem for, venha donde vier, que acaba por tomar conta dos destinos do futebol.

É isto que está a acontecer todos os anos. É isto que nos faz pensar que hoje em dia o bairrismo fangueiro não passa de um mito.

Justo que se renda homenagem a três ou quatro directores que não se importam e lá vão ficando. Acabado este núcleo, será o dilúvio.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

(Continuado)

MANUEL PINHEIRO BORDA

Radicado definitivamente em Fão, a partir de 1952, Pinheiro Borda dedica-se com mais afinco à terra que o viu nascer. Já frisámos que tomou sob a sua responsabilidade a gestão da Irmandade do Bom Jesus, cargo que desempenhou até à sua morte. Com tempo disponível e uma eficiência que se lhe reconhece, acaba por ser eleito Presidente da Direcção dos Bombeiros (1960), lugar onde desenvolveu acção saliente. Com efeito, sob a sua égide, a Benemérita Associação dos Voluntários de Fão conhece um período, íamos dizer de esplendor, se não fora o choque havido entre a sua pessoa e o então Comandante Esteves que levou à saída deste último do lugar que desempenhava. Foi mais um dos episódios que rachou a freguesia ao meio. Hoje o acontecido não passa de um mero evento histórico para contar aos netos à lareira, mas, na altura, o ambiente em Fão era de cortar à faca.

A história da nossa terra está salpicada de factos semelhantes. Isso deve-se em parte à circunstância de jamais ter aparecido em Fão uma figura carismática que subordinasse tudo e todos. Encontram-se sempre pessoas influentes que evitam ou impossibilitam a hegemonia subordinadora de quem quer que seja. A existência ou o aparecimento do clube fãozense, com um certo carácter elitista, denuncia essa abundância de pessoas destacáveis.

A passagem de Pinheiro Borda pelos Bombeiros traduziu-se na compra de uma ambu-



Caricatura de Manuel Pinheiro Borda

lância (1969) marca Peugeot (trazida directamente de França pelo Dr. José Emílio e por Adelino Miranda do Vale que se deslocaram expressamente a Paris para esse efeito — custou 90 contos) de um pronto-socorro, de um jeep marca Willys, e na construção de um novo quartel ao Largo do Cais. Para a sua localização, muito contribuiu a oferta, pelos irmãos Pires Carneiro, da casa onde moravam aos Bombeiros, graças em parte ao bom relacionamento que mantinham com o seu Presidente de Direcção. A obra ficou por 350 contos. Dizem-nos que ficou o melhor quartel do país. O Estado participou com 40% e o resto do mealheiro foi preenchido com peditórios efectuados na freguesia e com óbolos ofertados por famílias amigas da terra fangueira e da família Borda.

A propósito desta obra diz o Cávado de 7 de Setembro de 1968: «O belo e moderno edifício dos Bombeiros Voluntários Fãozenses foi levantado, graças ao entusiasmo, à teimosia e ao bairrismo do seu Presidente, Sr. Manuel Pinheiro Borda. Só um grande entusiasmo por um ideal firmemente perseguido, só um grande amor à terra, só uma vontade enorme de bem servir foram capazes de remover as dificuldades, de fazer vista grossa às ingratidões, de fazer ouvidos moucos à maledicência...».

A operacionalidade de Pinheiro Borda repercutiu-se igualmente na Câmara de Esposende onde desempenhou, primeiro, as funções de vereador com responsabilidades no sector turístico, e, mais tarde, as funções de vice-presidente.

Município, Bombeiros, Bom Jesus foram pois os organismos em que Pinheiro Borda investiu muito do dinamismo que o caracterizava. Mas não se esgotou aqui todo o seu amor

(Continua na pág. 2)

«CONSIDERO-ME FANGUEIRO DE *COURAÇÁU...*»

Foi com esta frase que Monsieur Gilles Marsaudon terminou uma pequena conversa que com ele tivemos, um dia destes, no Café PãPã. Sabem quem é, não sabem? É aquele senhor francês, figura fina e simpática, que está casado com a Rosinha. Não nos venham dizer agora que não conhecem a Rosinha... Conhecem, conhecem. É aquela moça do Ramalhão, de silhueta *toute elancée*, que um dia emigrou para França e casou com o tal senhor francês. Fazem um par simpático. Agora até já andam com um cãozinho. Volta e meia estão entre nós e todos ficamos contentes com o ar de felicidade que o casal respira. Não raro as pessoas se interrogam: quem é ele?

Actualmente e desde há anos têm sido ciceronados pelo chefe Miro que com o seu francês de «*quatre e quinhã sã gorjã*» lhes tem facilitado a sua inserção no *milieu*. Também nós com a colaboração do Belmiro Viana chegámos à fala com Mr. Gilles e assim não resistimos à tentação de lhe perguntar várias coisas, coisas que o nosso grupo da Pã Pã e demais gente andavam fartos de bisbilhotar sem contudo sair de um impasse frustrante.

Mas se o poeta é um fingidor (Fernando Pessoa) o jornalista é um teimoso (Armando Saraiva) e assim, mal apanhamos uma abertazinha, logo de rompante o intimamos: queremos fazer-lhe uma entrevista p'ró nosso jornal, *c'est il possible?* — *Mais, oui, monsieur, avec plaisir.*

E então nós começamos:

— *Como conheceu aqui a Rosinha?*

O nosso entrevistado sorriu: «Foi por intermédio de amigos comuns. Apreciei logo a sua personalidade muito cativante».

— *Já conhecia Portugal antes de ter encontrado a sua esposa?*

— Não. Só depois de nos termos encontrado, comecei a fazer viagens, ou melhor, comecei ou começamos a fazer férias em Portugal. Hospedámo-nos a primeira vez, portanto, em 1985, no Hotel do Pinhal e, nas duas vezes seguintes, no Hotel de Ofir. Depois é que comprámos uma casa em Esposende.

— O quê? Em Esposende? Mas isso é um pecado mortal...

Mais um sorriso, um largo sorriso, e Mr. Gilles explicou: «Foi em 1987 que resolvemos comprar uma casa. Em Fão, nessa altura, não havia o que queríamos: uma casa confortável para o nosso gosto e que não fosse muito dispendiosa. Só em Esposende encontramos a casa ideal.



— *Mas gosta de Fão?*

— Oh!..., oui monsieur. Fão est formidabile. Tem um *charme* extraordinário. Depois a natureza juntou vários encantos. Aqui há rio, pinhal e mar. Há um equilíbrio perfeito entre o Fão antigo e o Fão moderno. Há muita verdura. São os vinhedos, as árvores, os arredores: Marachão, Barca do Lago, S. Lourenço três *agreables*, três *agreables*.

O clima é assim, assim. De qualquer modo, a temperatura do Algarve é muito incómoda. *Il fait très chaud.*

— *Conhece o resto do país?*

— Sim, o Estoril, Cascais, mas Fão é muito aprazível.

— *Como lhe parecem ser os fangueiros?*

— É gente muita viva, muito aberta, en-

tram em conversa muito facilmente. Isso verifica-se com facilidade, à saída da missa. E também nas festas da Sr.^a da Bonança, do Senhor de Fão.

Curioso que Mr. Gilles apontou o dedo para uma ferida local: a falta de um animador, coisa, aliás, a que aludimos num escrito feito há anos. A gente de Fão é propensa a festas. Falta quem as promova.

— *Quanto tempo passam em Portugal por ano?*

— Fazemos quatro semanas em Agosto e duas em Abril ou Maio.

Ainda trabalha? Em quê?

Bem, aqui não ficamos com uma ideia exacta, apesar das ajudas da Rosinha e do chefe Miro. Monsieur Marsaudon, se bem o interpretámos, trabalha numa empresa de artes gráficas, no sector comercial, mais ligado sobretudo ao marketing e a inquéritos de publicidade.

— *Depois da reforma, vai fixar-se definitivamente em Portugal?*

— Possivelmente em dois sítios: em Fão e em Paris. Eu adaptei-me bem aos fangueiros. Considero-me fangueiro de *couraçáu...*

MANUEL PINHEIRO BORDA

(Continuado da pág. 1)

ao bairro. Também o futebol beneficiou da sua acção. Com doações ao clube local? Mais do que isso. Foi o organizador e treinador de uma equipa que não era propriamente o grupo representativo da freguesia. Foi uma equipa constituída *ad hoc* de que fizeram parte João Pedras, Manuelzinho Penetra, Tone Penedo, Júlio Casanova, João da Mónica, Zé do Monte, Ramiro, Tone Preto, Lino da Enfermeira, Júlio Remador, Gravata, Agostinho Boucinha, Miro Viana, Manuel Pedras, Elias, Agostinho e outros. Segundo nos assegurou João Pedras, Pinheiro Borda ainda foi o treinador da primeira equipa de Esposende que disputou o Campeonato Nacional da III Divisão.

Enfim, uma figura multifacetada que merecia a honra de ser trazida às luzes da ribalta.

CLUBE FÃOZENSE

No passado dia 29 de Agosto realizou-se, sob a presidência do Dr. Armando Saraiva, a Assembleia Geral do Clube Fãozense que tinha por ponto único a eleição dos novos corpos gerentes.

Foi aprovada a seguinte lista:

Assembleia Geral: Presidente — Dr. José Vinha Novais, Secretários — Gustavo Costa e Rafael Oliveira.

Concelho Fiscal: Presidente — Dr. José Albino Saraiva, Secretários — prof. José Filipe dos Santos e António Ferreira da Silva.

Direcção: Presidente — Adelino Fonseca Saraiva, vice-presidente — Eng. Octávio Reis, Secretário — Sá Leites, Tesoureiro — António Vieira, Vogais — Manuel Joaquim Cardoso de Sousa e José Lopes Lima.

★

Por iniciativa dos membros da Direcção, foi apresentada uma proposta à Assembleia para que o actual Presidente António Agonia Pereira fosse nomeado Presidente Honorário, pelos serviços prestados ao clube e pelo facto de ser neste momento o associado n.º 1. Aprovada por aclamação.

★

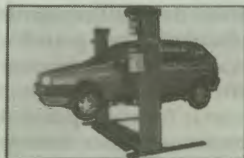
Como se sabe, a tomada de posse da nova Direcção só aconteceria em Janeiro próximo, segundo rezam os estatutos. O vice-Presidente José Lima comprometeu-se com os seus colegas a apresentar a demissão brevemente para que os novos directores possam entrar já em funções.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO



TESTE DE TRAVÕES

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 - 80 83 748 — FAX 88 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

Manuel Arantes, um artista algemado pelas circunstâncias

Há profissões que dantes faziam parte do nosso quotidiano e que hoje são extremamente raras. Estão neste caso os carpinteiros e mais especificamente os marceneiros. Dantes havia bons artífices deste ramo, sobretudo na indústria naval. Desaparecidos os estaleiros de Fão, os carpinteiros (navais) desapareceram também. E com eles os marceneiros. Estes também tinham lugar nos navios, nos acabamentos. Hoje são aquilo a que se pode chamar aves raras. Oficinas de carpintaria desapareceram há muito de Fão, depois do falecimento do Neca Casanova e do Moisés. Quem não se lembra deles?

Há dias chamaram-nos a atenção para uma carpintaria que tinha sido aberta lá para os lados do parque de campismo. Que o dono tinha muito jeito sobretudo para trabalhos de adorno. Fomos ver, fomos falar com o seu responsável. Trata-se de um homem bem humorado, bonacheirão, aquilo a que se pode chamar boa pessoa. A não ser que atrás daquele sorriso francamente aberto se esconda um mau génio, um sonsa. Mas não. Aqueles olhos não enganavam. Encaram as pessoas de frente. Trata-se de um indivíduo expansivo, coração ao pé da boca, *doublé* de romântico e aventureiro.



O seu nome é Manuel Arantes. A terra da sua naturalidade é Fonteboa. É um verdadeiro Globetroter. Gosta de viajar. Já viajou muito. A sua coroa de glória chama-se Amazónia. Atravessou-a de ponta a ponta. «É tudo mata virgem. Foram onze dias e onze noites. Foi a viagem mais linda da minha vida. A natureza é a coisa mais linda que Deus criou. Viajei de Caracas a S. Paulo».

— Onde dormia?

— Em pensões, claro. De onde a onde aparece sítio para descansar e para comer. Existem ali grandes montanhas, grandes rios e grandes lagos. Tudo é grandioso.

— Mas foi à Amazónia para trabalhar?

— Não, fui só para viajar. Ia em camionetas. Colocava-me sempre ao lado do condutor para ver os animais.

— Que animais?

— Vários. Só macacos eram aos milhares. Andavam em cima das árvores, mas quando viam pessoas, escapuliam-se com a velocidade de um relâmpago. Vi uma cobra com mais de dez metros. Havia também árvores de grande porte. Para abraçar algumas eram precisos 11 homens. Estas ninguém as pode deitar abaixo.

— Quer dizer que gosta muito de viajar?

— É o meu maior sonho. Já visitei o Brasil, o Canadá, os Estados Unidos da América, a Venezuela. Aqui estive cerca de 5 anos. foi na sua época de ouro. Numa hora eu ganhava 15 dólares. Tinha melhor ordenado do que na América. Visitei ainda o Uruguai, a Argentina, o Perú, Colúmbia e Porto Rico. Já fui ao Brasil quinze vezes.

— Quando começou a viajar?

— Eu comecei a viajar no ano de 1957. Tinha à volta de 18 anos. Fui daqui para o Brasil no dia 31 de Janeiro de 1957. Estive lá muito tempo e pouco não me lembrava de Portugal. Trabalhei quase sempre na minha profissão de marceneiro, mas também fiz de



servente num hotel e de telefonista. Mas não gostava. No fim do horário, ia para a marcenaria. Alie é que eu me encontrava bem. É a coisa de que mais gosto. Tenho amor, tenho carinho por esta profissão.

— Depois da sua estada nas Américas, ou melhor, durante a sua permanência nas Américas, não vinha a Portugal?

— Vim cá a Portugal umas 2 ou 3 vezes. Mas depois da América, depois de regressar a Portugal ainda visitei a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Bélgica e a Córsega.

— Sempre a trabalhar?

— Umás vezes a trabalhar, outras vezes, não. Na Alemanha parei lá pouco tempo. Fazia muito frio. Eu tenho gosto pelas viagens.

— Agora está em Fão. Há quanto tempo?

— Faz agora um ano.

— Que modalidade de trabalho prefere?

— Actualmente pratico a minha profissão de marceneiro. Gosto muito do trabalho artístico, de trabalhar em adornos que é a minha especialidade. Eu trabalho com a ajuda de um pantógrafo. Dá para fazer imagens, adornos. No entanto, aqui o meio é mais pobre e eu trabalho naquilo que aparece. Neste momento estou mais inclinado para sapateiros e para cozinhas. É o que mais de vende.

— É original, isto é, cria os seus modelos?

— Se for preciso, sim, mas eu inspiro-me mais em revistas. No entanto aqui não me posso dar ao luxo de escolher. Tudo o que vier à rede é peixe. Tenho que tirar proveito do que investi aqui. Comprei um grande terreno, levantei dois edifícios, empatei em máquinas mais de 10 mil contos, enfim, gastei aqui tudo quanto tinha, de modo que tenho que retirar o rendimento. Trabalho em tudo o que é de carpintaria à espera de melhores dias. Por enquanto estou só. Lá mais para diante, veremos.

Visitámos a sala onde Manuel Arantes tem os seus «bonecos». São obra de muitos anos antes. Quando se permitia dar ao luxo de escolher. Não há dúvida que o homem é um artista muito embora use o pantógrafo. O próprio pantógrafo, porém, requer sensibilidade, o tal feeling. Oxalá Fão lhe dê a guarida que o seu jeito merece.

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Casualmente, quando procurava, na minha modesta estante um determinado livro de poesia, deparei com um pequeno volume, que me chamou a atenção e me deteve involuntariamente. O seu nome era simplesmente «Fão».

Foi oferecido à minha mãe e assinava-o o «primo Evangelista». Era datado de 19...

Este achado comoveu-me. Li-o de fio a pavio.

Herdei-o, juntamente com outros livros, mas nessa altura ele não teve no meu espírito o impacto que teve agora.

Os versos, numa linguagem simples, revelam um profundo conhecimento das gentes e costumes desta terra.

No entanto, sente-se nessa singeleza de expressão, o pulsar do coração dum grande poeta e dum homem que além de amor à sua terra, acompanhava atentamente o seu quotidiano.

Pegava na caneta e num gesto de desabafo ia escrevendo aquilo que sabia e sentia por esta terra que era a sua.

Através dos seus versos, deixava para os vindouros os usos e costumes que o tempo implacável vai esquecendo e transformando.

Fão, na sua pacatez de boje, já foi uma vila movimentada. Já teve actividades culturais dignas de nota.

No meio teatral efectuou revistas divertidas que ficaram na memória de todos. as noites fanguetas, que eram vividas simplesmente entre banhistas e fanguetros deixaram, no coração daqueles que estão vivos, saudosas recordações!...

Mas Fão tem ainda uma história mais antiga. Já foi, em tempos remotos, uma cidade romana, de nome «Aguas Selenas».

Dessa cidade, soterrada pelas areias, nasceu uma terra, suave, pacata e acolhedora, que criou no seu seio, pescadores, lavradores e poetas.

Mais tarde, houve muitas transformações na sociedade e, como era de prever, Fão não fugiu ao sortilégio dessa palavra «progresso».

Surgiu então um movimento turístico e deram ao Hotel e à prata o nome de «Ofir», pelo qual seria conhecida tanto em Portugal como no estrangeiro.

(Continua na pág. 8)

ESPOSENDE!... HOJE O TEU CÉU É MAIS LINDO!...

Principiava assim, após as três pancadas. O pano subia, para se exhibir a revista, superiormente dirigida pelo grande Advogado Dr. Alexandre Torres e o inteligente secretário da Câmara José d'Abreu.

Tiveram grande êxito todas as representações... Um grupo de rapazes e outro de raparigas emprestavam em trabalho de ensaios, exemplar colaboração com seus ensaiadores.

Foi no final de um desses espectáculos que conheci o maior actor amador que o norte do país teve. «Ernestino Sacramento». Fão pode orgulhar-se por lhe ter nascido na casinha pequeninha, na rua estreitinha do Ramalhão, um gigante do teatro amador... Ao falar de teatro, esqueço tudo, até o mais importante a que me propunha...

Retomando, não deixarei de enaltecer as majestrais qualidades de um advogado.

Era noite de festa das Cruzes em Barcelos. Cinco jovens de Esposende, desceram da camioneta que vinha da festa e foram tomar um café. Eram também cinco os patifes que dentro do estabelecimento esperavam os pobres rapazes, com varas e palavrões próprios de bêbados. Entre eles encontrava-se um único conhecido que todos os fins de semana

se embriagava e para melhor levar ao fim os seus malévolos intentos vestia-se de bombeiro. Era o único de Esposende. Sem conhecerem os jovens, a eles se dirigiram levando as varas e dizendo, ao verem o dono do estabelecimento, ao ver a tentativa de agressão sem o mínimo motivo que a justificasse, agarrou no ferro que trancava a porta, levantou-o conseguindo assim manter os bêbados em respeito. O bom do João do Talho, dono do estabelecimento tinha muita consideração por um dos jovens. Era preciso dar resposta aos ébrios... como estavam armados com varas e bengalões, os jovens foram fazer o mesmo designando de imediato a quem era destinado cada um deles. Teve pouca sorte o tal bombeiro, porque lhe foi destinado um jovem que não era para brincadeiras... Manhã alta, quando saíram do estabelecimento, logo o bombeiro se adiantou para explorar o terreno; quando encarou com os jovens, meteu os dedos à boca dando um estridente assobio em chamamento dos parceiros...

O jovem que para ele estava destinado, não lhe deu mais tempo, correu em cima dele; os que ficaram ouviram a primeira pancada, ouviram a segunda e um corpo que caiu. Parte do capacete tinha-se-lhe enterrado na

cabeça. Os jovens, às dez horas da manhã, tiveram de prestar fiança porque o homem ficou muito maltratado... — Audiência.

«Varinha mágica»!... É a vara que o hábil Advogado consegue transformar no «móvel do crime»). Principia a audiência... quando o Advogado de defesa principia a falar, fê-lo com tal arrebatamento e entusiasmo, que algumas Assistentes tinham lágrimas nos olhos. O Advogado apenas quis ouvir duas testemunhas de defesa: o Presidente da Câmara e o Comandante dos Bombeiros. Todas as testemunhas de acusação se foram os responsáveis por tudo quanto se passou. O Dr. Alexandre Torres chama a última testemunha; interroga-o e o homem principia a meter os pés pelas mãos. De momento pergunta-lhe se sabia jogar o pau, ao que ele responde: «Sei e tenho-me batido contra quatro e tenho ganho». O advogado abaixa-se e apanha uma vara partida que estava sob a secretária e pergunta-lhe se conhece aquela vara. O homem responde: «é minha»... Ainda com a vara na mão, o advogado, gesticulando e visivelmente enervado, volta-se para o Juiz e diz: «os homens que estão no banco dos réus estão inocentes! O verdadeiro criminoso está aqui: é o dono desta vara». O Juiz não só absolveu como teceu elogios a dois dos jovens.

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

ESPOSENDE — CIDADE

Não há dúvidas que Esposende viveu com intensidade o dia festivo de 19 de Agosto, dia da sua elevação a cidade. Nada menos que dois ministros, dois secretários de estado e um ex-ministro estiveram presentes. Muita gente importante para uma vila grande que agora é cidade pequena. Para já.

A comemorar o evento, foram inaugurados o Museu Municipal, ex-Teatro-Club, ex-Fábrica de Confecções e o Auditório Municipal (antigo cinema), com 310 lugares sentados. Um, o ex-teatro, foi adquirido pela anterior Câmara, o Auditório, pela actual.

Duas grandes obras que se adaptam fidedignamente ao estatuto de cidade que Esposende agora vence. Há quem lhes chame obra de fachada. Não vão por aí. O Palácio de Alambra, o Museu do Louvre também o são (?)



O coro da Matriz de Esposende

e quem dera a nós que fossem portugueses. Na sessão solene que se realizou no Audi-

tório foram agraciadas 15 pessoas e instituições. Isto de medalhar entidades é sempre delicado. Dá ocasião a lapsos. O C. F. de Fão com 36 anos de idade foi preterido pelo grupo de Apúlia com apenas 25. Ainda bem que



O Museu de Esposende

o lapso foi notificado. De entre os distinguidos permitam-nos que saudemos o dr. Agostinho Reis, nosso antigo mestre, depois colega, agora companheiro rotário.

Duas intervenções se verificaram. Uma, a cargo do Eng. Oliveira Martins, predominantemente histórica. Outra, da parte do dr. Marques Mendes, eminentemente política. O Presidente da Câmara não resistiu a esta última que particularmente o distinguia. Emocionou-se e o seu discurso não foi por isso o que ele queria que fosse.

Da parte da tarde houve o bota-fora da castração esposendense. Um ponto a favor do Fórum local.



Interior do Museu

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá está à porta mais um ano de estudo! As férias souberam a pouco, não foi? Mas tudo tem o seu tempo. Agora, com novas forças, vamos ao trabalho? Um bom ano lectivo para todos!

UM CASO DO QUOTIDIANO

Anónimo

Amanhecia; entravam os primeiros raios de sol primaveril pela janela do quarto de Joana Rita. Esta noite para ela foi um pouco vulgar. Hoje era um dia muito importante, e isso valeu-lhe uma noite de insónia.

Joana Rita era uma rapariga simples e serena, mas enigmática e misteriosa. Fisicamente, passava indiferente aos olhares menos atentos. Era possuidora de uma beleza natural, uma espécie de beleza selvagem, comparável a um jardim que cresce e se embeleza sem artifícios. Dotada de uma inteligência acima da média, Joana concluiu o curso de Engenharia de construção civil, com excelentes resultados.

Mas, na vida de Joana havia uma lacuna, o amor. Joana tinha um namorado, de nome João, que frequentava o último ano de Direito. Era um rapaz vulgar, igual à maioria dos rapazes.

Para Joana este namoro não era quilo com que havia sonhado. Entendiam-se, compreendiam-se, mas... faltava a paixão, aquela paixão que todos temos dentro de nós, aqueles sonhos de amor com que todos sonhamos. Foi esta necessidade de paixão, de um grande amor, que levou Joana Rita a alterar toda a sua fisionomia.

Decidida, entra hoje pela primeira vez num instituto de beleza. Entrou timidamente mas determinada nos seus propósitos.

Passadas algumas horas, o resultado era bem visível.

Ao encontrar-se com João, este ficou surpreso, esboçou um sorriso e disse-lhe: «estás bonita». Mas, no fundo, não gostou. A sua Joaninha não era mais a mesma, e isto perturbou-a bastante.

A relação entre eles foi-se desmoronando aos poucos, pese embora as tentativas de João. Joana cada vez estava mais distante.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Num manicómio. Dois malucos almoçam tranquilamente, no refeitório, enquanto conversam.

A certa altura, um pára de comer e interroga o outro, com ar preocupado:

— Ó pá, as azeitonas têm pernas?

— Estás maluco, ou quê? — responde o outro. — Claro que não!

O primeiro faz uma cara muito aflita e exclama:

— Ai, que então eu comi uma barata!

★

Em certo país monárquico, o príncipe herdeiro foi visitar um manicómio. Um maluco já em vias de recuperação foi encarregado de lhe mostrar as instalações.

A certa altura, perguntou ao visitante quem ele era.

— Sou o futuro rei deste país! — respondeu o príncipe, orgulhosamente.

Aflito, o maluco puxou-a para um canto e segredou-lhe:

— Tem cuidado com o que dizes! Que o director não te ouça dizer isso! Eu, só por dizer que era general «gramei» quatro anos de internamento!...



Desenho de MARÍLIA

AMAR EM VÃO

Amar alguém não é vergonha

Amar e não ser amado

É sentir amor em vão

É sentir no coração

O desespero e dor desse sentimento

Sentimento que não tem volta

Que magoa tão profundamente

Que nos faz perder a ilusão.

Mas...

Amor é também sentimento de alegria

Sentimento de felicidade.

Ama e não desesperes

Ama e não te sintas só

Nem triste.

Ama porque a melhor recompensa

É sentir em ti a felicidade

De poderes amar.

Amor é algo maravilhoso

Se amas sorri, porque

Nem todos temos

O naravilhoso dom de

AMAR...

SOFIA SOUSA

EGOÍSMO HUMANO

Não é a guerra que me destrói,

Não são as pedras que me magoam.

Não é a incerteza,

Nem a solidão.

São as tuas palavras.

E o teu olhar frio, distante,

A ver-me como

Se fosse a primeira vez.

É esse vento frio

Do teu orgulho

E indiferença

Que me torna

As noites mais frias.

É essa distância

Que nos separou.

É essa estrada de pedra,

Tão comprida,

Tão apartadora.

Sofro pela desilusão

Da rejeição e do abandono.

E no meio do sofrimento

maior dor sinto


Ao saber que sofro por mim,

Quando vejo os outros sofrerem.

MARTA MARIZ MENDES

(17 anos)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

DE APÚLIA

ÓBITOS — No lugar da Areia, faleceu no dia 5 do mês de Agosto, a Senhora D. MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA FERNANDES VENDEIRO, depois de prolongada e dolorosa enfermidade.

Filha de António Fernandes Vendeiro e de Joaquina Eusébio da Silva, nasceu em 10 de Dezembro de 1947, e era casada com o Senhor Américo Torres da Costa Monteiro.

— Vítima de atropelamento, faleceu no lugar de Criaz, o jovem PEDRO FILIPE DA CRUZ RIBEIRO, nascido em 8 de Abril de 1981. Era filho de Adolfo Manuel Torres Ribeiro e de D. Maria Alice Martins da Cruz Ribeiro.

O acidente ocorreu no dia 2 de Agosto, e verificou-se na estrada Apúlia-Necessidades, próximo da sua habitação.

Também vítima de acidente quando tripulava um motorizada, faleceu no Hospital de S. João, do Porto, o jovem apuliense — ERNESTO DA FONTE FERNANDES DE SÁ — filho de Mário Fernandes de Sá e de D. Maria Regina Fernandes da Fonte, com quem residia no lugar de Paredes.

O acidente que vitimou esse jovem apuliense (nascera em 29 de Setembro de 1974), ocorreu no dia 9 de Agosto.

Para os familiares destes nossos conterrâneos, aqui deixamos o nosso cartão de pesar.

UM SÉCULO DE VIDA — Nasceu a 18 de Agosto de 1893, em Apúlia, do casamento de Joaquim Fernandes Fragoso com Miquelina Dias da Silva. No baptismo, recebeu o nome de JOAQUINA, e da mãe os apelidos, DIAS DA SILVA, mas todos a conhecem por Joaquina Pontes. Foi casada com Manuel Gonçalves Farinhas, falecido vai para quatro décadas.

Completo 100 anos no mês de Agosto, facto raro em Apúlia, apesar dos avanços da medicina. E uma boa parte da sua terra, com os seus familiares mais próximos e o seu Pároco à frente, quiz associar-se ao júbilo e alegria da comunidade, com a celebração de uma Missa de acção de graças, e a oferta de um «copo de água» no Salão Paroquial e o apagar das tradicionais velas do bolo de aniversário, ao som dos «parabéns a você» cantados pelos presentes, que ela, cega há muitos anos, não conseguiu ver...

Viver para além dos 100 anos, lúcida e saudável, é um dom ao alcance de muito poucos. Em Apúlia, do conhecimento de quem escreve, é o segundo caso nos últimos anos, e ambos de pessoas do chamado sexo fraco... E outros dois casos, também senhoras, estão já na «calha» para apagar as cem velas.

ENTRE NÓS — Vindos do Brasil onde estão radicados há muitos anos, para o habitual período de férias, encontram-se entre nós os apulienses, MANUEL DIAS TORRES, JOÃO GOMES MOREIRA (João Fé), Esposa e Filho, DANIEL E DELFINO FERNANDES BARROS e ANTÓNIO FRADIQUE GONÇALVES SOUTO, Esposa e Filha.

Vindos do Canadá, também se encontram entre nós, os conterrâneos — JUSTINO GOMES GIL, ALCINDO ALMEIDA DIAS DOS SANTOS, e ANTÓNIO DE SÁ SOLINO.

ESPORÃO DAS «PEDRINHAS» — Já está a ser demolido nos últimos 100 metros, que ficam lá bem dentro do mar, o famigerado esporão das «Pedrinhas». Finalmente. Pena é que tenha sido com 5 anos de atraso e não seja destruído na sua totalidade.

NO RESCALDO DAS FESTAS DE APÚLIA — Das Festas de Criaz, em honra da Senhora do Amparo, pouco haverá para dizer. Sempre foram bem organizadas, bem planeadas e bem executadas. Já aqui se disse que «ali» se «gasta» do que há de melhor no mercado, quer sejam bandas de música, conjuntos musicais, grupos folclóricos, ornamentações e arraiais. E este ano não fugiu à regra.

Das Festas da Senhora da Guia, que tiveram este ano uma moldura humana impressionante, não obstante o dia ter amanhecido com chuva, há alguns factos a reter para evitar no futuro. São os casos da proliferação das barracas, toldos e tendas, em algumas vias de comunicação, e o estacionamento de veículos automóveis nas ruas próximas da Capelinha. Coisas de pouca monta que, por isso mesmo, serão fáceis de alterar.

No que respeita à festa propriamente dita, todos os programas anunciados foram cumpridos. Programas que, de ano para ano, vão sendo melhorados e enriquecidos, pelo bom gosto e pela qualidade.

BALEIA — Depois de todas aquelas cenas recamboladas e folclóricas que a comunicação social durante alguns dias descreveu e mostrou ao País, temos que estar gratos ao mar, por não permitir que aquela «montanha» de carne putrefacta aportasse nas praias de Apúlia. Mas foi por poucos metros, porque a «Ramalha» fica a paredes meias com a praia do Rio Alto, onde esse Cetáceo «encalhou» com todas as suas grandezas e misérias.

OBRAS — Só as obras da Avenida da Colónia e da Rua do Facho, cremos, é que não ficaram concluídas neste verão. Tudo o resto, com alguns precalços nos primeiros dias do mês de Julho, ficou transitável. Mas mesmo esses, em grande parte, devem-se mais ao estacionamento verificado em algumas ruas do que propriamente às obras.

Entretanto a Rua do Facho deve ficar transitável dentro dos próximos dias.

DESGARRADA

O leitor lembra-se de que, aquando da ceia do Natal na Casa do Minho, fomos desafiado para uma desgarrada pelo António Miquelino. Não lhe demos o gosto mas no jornal, catrazumba! Mandámos-lhe um soneto e depois o nosso amigo enviou um em troca e nós retorquimos com outro em cima.

As coisas ficaram assim. Esperámos qualquer resposta, mas nada. Subitamente, passados 9 meses, período de uma gestação, o nosso «rival» volta à carga. Fez-nos chegar às mãos o soneto que muito gostosamente (sempre se vendem mais jornais) publicamos. Ei-lo:

*Meter-me com Director de jornal
Já foi, enfim, sinal de pouco siso;
devera eu já dos anos ter aviso
P'ra não desafiar parceiro tal!*

*Mas era a nossa Ceia, canto e riso,
Despique em consoada de Natal!
E a quadra foi espontânea, natural
Que nem ser «chico fino» era preciso!*

*E já que quadra é pouco, é verso pobre,
Só se usa em romarias, em coreto,
Responde-me ó Saraiva em tom mais nobre!*

*Invoca o teu Orago predilecto
Rogando que te dê estro que sobre
Que eu fico cá aguardando o teu soneto!*

Aí vai ele:

*Já nos céus muitos sóis eram passados
Desde que fiz eu a última trova,
Sem que de ti houvesse qualquer nova.
De Lisboa — nem versos nem recados.*

*O Tipinho aborreceu-se — grande oval
Pensei eu. C'os tempos ocupados,
Não pode dispensar os seus cuidados
A brindar-me de novo c'uma «sova»...*

*Assim passaram dias, até meses.
E eu, despeitado, algumas vezes
Cheguei a mandar-te p'ró diabo!*

*Afinal apareceste, ó Miquelino,
Com um soneto de recorte fino,
Dos de deixar um tipo embasbacado...*

FALECIMENTO

Com propecta idade faleceu em Fão, à Rua Serpa Pinto, Elisa Pereira da Silva.

À família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

AGRADECIMENTO

A família de Elisa Pereira da Silva vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que na altura do falecimento da querida finada lhe manifestaram o seu pesar.

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

CONTOS JUVENIS

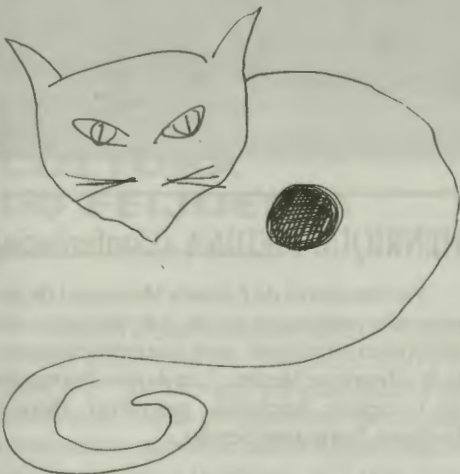
Por **ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES**

(1)

O GATINHO BOLINHA PRETA

O Pedrito vivia na cidade e saíra mais cedo da escola. Vinha feliz e seguia com cuidado as recomendações dos pais, atravessando sempre nas passadeiras, com muita atenção e evitando perigos.

Subitamente, descobriu um gatinho pequenino, que parecia uma pedrinha de carvão e que tinha dois olhinhos muito vivos e assustados. O bichano estava perdido da mãe gata e tremia de frio, procurando abrigar-se nos degraus de um portão. O Pedrito parou, agarrou o gatinho e escondeu-o entre a roupa, para o aquecer. Sentiu então o coração pequenino do bichano a bater, bater e ficou aflito. O gatinho era muito lindo, mas não o podia levar para casa, porque já lá tinham o Nero, um cachorrinho velhinho e a mãe não queria mais bicharua...



Pedrito olhou então à sua volta, procurando a mãe do gatinho e só viu gente a passar e principalmente muitos carros. Pensou então o que seria do gatinho preto, se o abandonasse. Por certo que morreria. Desesperado, o Pedrito, que era esperto prin-

ciou a tocar às portas e a perguntar se alguém havia perdido um gato. Todos diziam que não e o Pedrito passou a implorar, a todos os adultos que passavam, se queriam ficar com o gatinho. Os seus esforços não adiantavam, o tempo passava e o gatinho «Bolinha Preta» cada vez mais se aconchegava no seu regaço, julgando que Pedrito era a sua mãe... Entre os adultos que passavam, houve um que lhe disse bruscamente: — Deita fora essa porcaria e vai trabalhar!... Eu não gosto de gatos porque me estragam o quintal!

Pedrito fugiu daquele homem mau, pensando que os gatos também têm o direito de brincar. Se estragaram alguma planta, certamente que não é por mal... E Pedrito pensou que ele próprio, a jogar a bola com o Zé e a Mariana, tinha uma vez estragado flores. A mãe ralhara e perdoara, dizendo-lhe contudo que ele já era um homenzinho e que tinha a obrigação de não estragar o jardim. E os gatos?... Coitados, se são gatos e não homenzinhos, como o Pedrito, que culpa têm ao estragar qualquer coisa?

O tempo passava e o Pedrito estava vez mais nervoso. Tinha que resolver o problema do bichano e, se chegasse tarde a casa, os pais ficariam aflitos... Finalmente, passou um senhor, que parou, fez festas ao gatinho e perguntou o que se passava. O Pedrito explicou e o senhor disse-lhe: — Se não arranjares um dono,, leva-o para casa e pede à mamã para telefonar para a Sociedade Protectora dos Animais. — O que é isso? — perguntou o Pedrito ao senhor e este disse-lhe que são umas pessoas muito amigas dos animais, que os ajudam, quando estão perdidos. O senhor acrescentou que o gatinho tinha sorte, porque há outras cidades onde não existe a Sociedade Protectora dos Animais.

Pedrito ficou radiante. Ao chegar a casa contou tudo à mãe e ela telefonou para os tais senhores, que vieram buscar o gatinho. Entretanto e enquanto eles não chegavam, arranhou um cestinho, encheu-o de trapos velhos e deu principalmente muito leite ao gatinho «Bolinha Preta», que até ficou barrigudo...

Pedrito resolveu assim aquele problema e, ao deitar-se ao rezar ao Jesus, pediu desculpa por lhe falar em gatos e contou o que lhe havia acontecido, cheio de felicidade e alegria.

CASAMENTOS

No dia 4 de Setembro realizaram-se no Hotel Ofir os esponsais de Adriano Faria Nascimento, filho de Maria Amélia Matos Faria e de Manuel de Jesus Nascimento Júnior, com a menina Maria Alice de Carvalho Vilas-Boas, filha de Daniel Lopes Sá Vilas-Boas e de Glória Maria de Jesus Carvalho.

A Madeira foi a terra escolhida para a viagem de núpcias.

Aos noivos desejamos felicidades.



Na Igreja paroquial do Carvalhido, Porto, consorciaram-se, no dia 5 de Setembro, o dr. Paulo Manuel da Cruz Miller, filho de Maria Helena da Cruz Miller e de Alberto Almeida Miller, com a dr.ª Maria José Torres Fonseca, filha da dr.ª Rosa Maria Torres da Fonseca e do dr. José Ramos da Fonseca.

Aos noivos, que partiram em viagem de núpcias para o Brasil, desejamos mil venturas.



DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

Terminou o calvário das Assembleias Gerais, pois finalmente apareceu um grupo de entusiastas, porventura os últimos entusiastas de Fão, a quem nós prestamos as nossas homenagens, e que resolveu fazer um sacrifício, pelo menos por mais um ano. Eis os seguintes directores: Belmiro Gonçalves, Amílcar Cardoso, Francisco Vasco Gaifém, Sílvio Fernandes, Artur Hipólito, Domingos Araújo Ferreira, Carmen Pedras da Silva, Carlos Ferreira, Felix Brandão Ferreira, Eugénio Manuel Gomes do Vale, Jorge Coelho Monteiro.

Conselho Fiscal: Adelino Saraiva, Marinho Matos do Vale e Óscar Viana.

Assembleia Geral: Dr. Armando Saraiva, António Viana e João Pedras.

No próximo número faremos um comentário à situação que se viveu.

CANOAGEM

Campeonato do Mundo de Seniores em Copenhague

Integrado na selecção nacional esteve presente nesta competição o atleta do Club Náutico de Fão, Belmiro Penetra que na categoria K4 (500 metros) obteve o 8.º lugar. Em K2 (10.000 metros) obteve o 6.º lugar.

Campeonato de Iniciação Primeiros pagaladas

Os juvenis fangueiros participaram em provas realizadas na Barca do Lago, na Foz do Neiva e em Vila Nova de Cerqueira. Há que destacar a proeza de Pedro Coelho que em todas as provas em que participou obteve sempre o 1.º lugar. Belmiro Penetra faz escola.

CONVERSANDO

(Continuado da pág. 3)

No entanto a vila será sempre para a sua gente apenas Fão e nada mais.

Depois de alguns anos de euforia, veio o marasmo e pouco se tem progredido.

Como atrás fica dito, Fão já teve grande prestígio no campo teatral.

Essa juventude de outrora, hoje quase toda desaparecida, recorda com imensas saudades e nostalgia esses tempos que não voltam.

No entanto, não vamos perder a esperança.

Há homens capazes de pegarem na «batuta» e fazerem prodígios.

Fão tem muitas raparigas...

Há belas vozes, como verifiquei nos ranchos da Festa do Sombor de Fão, e não há razão para não se organizar um conjunto ou um rancho.

É uma actividade que promove qualquer lugar, apagado que seja, o que não é o caso de Fão.

Esperemos melhores dias.

Tenhamos a esperança que algo vai acontecer e que Fão vai despertar do sono em que tem vivido nestes últimos anos.

Bem sei que o progresso tem alterado e modificado muitas coisas.

Actualmente já se não vêem as mulheres de Fão a lavar a roupa no cais, com todo o pitoresco e alegria que daí se disfrutava.

No entanto reconheço que, para elas foi um bem terem aparecido as máquinas para acabar com esse trabalho penoso, principalmente no inverno.

Fica, no entanto, a saudade desse quadro tão belo e que dava ao cais movimento, cor e alegria.

Novos tempos... Novos rumos.

Olha-se para o Palacete onde esteve instalado o Club dos Amigos de Fão e recorda-se o movimento que teve nos anos 60, 70 e parte de 80. Tudo isso são coisas do passado e hoje resta apenas a saudade.

Actualmente esse belo edifício vai abrindo as suas portas ao comércio, para o qual não estava predistinado.

Está à venda... Qual será o seu destino?...

Sem dar por isso, deixei-me entusiasmar por este torrão tão belo e perdi-me no meu passeio pelo progresso de Fão.

Através de muitas recordações, fica-me a esperança de que algo há-de acontecer.

Que tanto fangueiros como turistas possam, como o poeta Evangelista, amar e perpetuar esta terra que se chama «Fão».

Como o seu livro.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

DO BRASIL

Vindo do Rio de Janeiro encontra-se em Fão Manuel Gonçalves Neto, acompanhado de sua esposa. Um abraço p'ró Maximino quando voltar ao Brasil.

— Voltam de novo a estar entre nós o nosso conterrâneo Carlos Cardoso Salgado e sua esposa Idalina Torres Salgado.

Ainda há pouco tempo cá estiveram. Isto é o que se chama amor à terra.

— Em mais uma das suas visitas periódicas encontra-se em Fão, vinda de S. Paulo, a nossa conterrânea Aurora Gaifem. Boa estada entre nós.

— Vindo do Brasil encontra-se entre nós, em companhia de sua esposa, o nosso conterrâneo Alberto Alves Simões, o Albertinho como era tratado em Fão. (Só mimos).

Rescaldos das festas da Bonança

Apresentamos hoje a fotografia da briosa comissão que durante três anos realizou com ??? as festas da Senhora da Bonança. Eis os seus nomes: Armando Solinho, Armando Barbosa, Francisco Solinho, António Reis Graça, António Barbosa Rodrigues, Francisco Brandão de Faria, Adriano Faria de Campos, Delfino da Silva Passos, Joaquim Costa, António Magalhães da Cruz, Augusto Hipólito da Silva, José Maria Alves do Vale, Vitor Costa, Artur Jorge da Costa e Manuel Ferreira Faria.

— Esta comissão sente que ao fim de três anos é tempo de dar lugar a outros. Que 'é deles?
— Agradece em primeiro lugar aos habitantes de Fão, e de uma forma especial à Junta de Freguesia, ao Sr. Prior, aos Bombeiros e ao Pachá toda a ajuda que lhe prestaram.



RECORDANDO

*Feliz é o que morre sem saber
Nem tempo tem para saudades ter
Desgraçado que vive a sofrer...
Pedindo a Deus para morrer*

*Cansado... Tanto tempo sem te ver...
Dias invernosos não tinham fim
Esperava ansioso... a tremar...
Louca de amor!... Corrias para mim*

*Amor primeiro em ti pensando
Quem se meteu em caminho nosso?...
Meio morto por cá vou andando
Beijar-te agora já não posso...*

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA



HENRIQUE MEDINA (Conferência)

Por iniciativa da Câmara Municipal de Esposende, realizou-se no dia 3 de Setembro, na Biblioteca Municipal, uma conferência intitulada «Henrique Medina: Um Artista Português de Dimensão Nacional», pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão.

VENTOS E VENTOS

*Assim como aqueles ventos
Que o pólen, levam, das flores,
Para além da outra banda,
— Onde a pérola de orvalho,
E uma carícia do Sol
Farão crescer e florir
Uns outros lindos rebentos
De belas e muitas cores,
Assim há ventos e ventos!...
— Os ventos da nossa vida,
Que em andanças e mudanças,
Levam o pólen do Amor
Para lá dos horizontes,
Sem barreiras nem limites
— Para lá do azul celeste,
Onde abundam águas vivas!...
E onde a essência do Amor
Fará crescer e florir
Uns outros belos rebentos,
Irmãos dos da laranjeira:
— Candidos, imaculados,
singelos e perfumados...
Esse verdadeiro néctar
Dos que são simples e puros!...*

FLORINDA DE ALMEIDA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

Quanto a este aspecto, KNOTT recomenda solos com pH compreendido entre 5,5 e 7,0. Devem ser eliminados os solos com forte provimento de argila, compactos, pois dificultam a germinação das plantinhas e quebram as já nascidas. Se a esta má condição física se alia também uma drenagem interna deficiente, as raízes das plantinhas correm o risco de apodrecer. No caso da cultura do feijão dever ser implantada em solos nestas condições é essencial proceder-se previamente a uma subsolagem que melhore a drenagem em profundidade, contribuindo para que as camadas superficiais se mantenham apenas em estado de frescura.

Os solos muito calcáreos provocam a formação de fio nas vagens e o endurecimento do grão. Neste tipo de solos a cultura ressentir-se frequentemente com carências de magnésio, zinco e cobre.

Trata-se de uma planta muito sensível à existência de sais solúveis no solo e nas águas de rega.

O excesso de água é muitas vezes causa de ocorrência de clorose logo a partir das fases iniciais de desenvolvimento da planta.

O boro em quantidade relativamente elevada prejudica a produção, sobretudo no caso do solo possuir textura ligeira.

Em vários países produtores prefere-se efectuar a cultura do feijão em solos

leves e sem água, condições que permitem mecanizar totalmente a produção.

Para que a planta tenha um bom desenvolvimento, é essencial que o solo possua razoável provimento de matéria orgânica. Por razões de natureza sanitária e também para se promover uma adequada estruturação das partículas, é recomendável que a incorporação de material orgânico no solo tenha lugar na cultura anterior ou, em caso de tal não ser possível, no início do Outono. A dose mínima de estrume a aplicar é de 20 toneladas por hectare.

Existem variedades de feijão que esgotam mais o solo do que outras. As menos esgotantes são as variedades anãs, que são colhidas antes de completarem o ciclo. Pelo contrário, as variedades de trepar colhidas à maturação para a obtenção de feijão seco são as que depauperam mais o solo.

Segundo BECKER o feijão anão retira do solo, com base numa produção de 10 toneladas de vagem:

azoto	65 kg
ácido fosfórico ..	20 kg
potassa	55 kg
cal	60 kg

Ainda segundo o mesmo investigador, a planta consome 12 a 30 mg de magnésio e 43 mg de boro por cada quilograma de matériaseca.

O azoto é em boa parte fornecido por bactérias especializadas que vivem em simbiose nas raízes da planta, pertencente à família das Leguminosas como já se referiu. Em virtude deste facto, as aplicações do elemento mencionado são necessárias sobretudo nas fases iniciais da vida da planta, quando o sistema radicu-

lar está ainda em pleno desenvolvimento. Por vezes incorpora-se também uma quantidade suplementar, em geral 200 kg/ha, no momento da floração. Esta aplicação de cobertura contribui para que as vagens se tornem mais volumosas e o amadurecimento se verifique mais cedo.

O feijão para consumo da vagem em verde é pouco exigente em fósforo mas necessita de bastante potássio. No entanto, as exigências no primeiro destes elementos são maiores no caso de se pretender a produção de grão.

Em França, o Instituto Nacional de Vulgarização para os Frutos e Produtos Hortícolas preconiza para os solos de constituição média uma adubação mineral do tipo 1 — 1 — 3 com a composição seguinte;

azoto	50
ácido fosfórico	60
potássio	150

O azoto sob a forma de nitrato, é incorporado no solo imediatamente antes da sementeira. No entanto, em algumas regiões do país mencionado, aplica-se também um suplemento, em caso de necessidade, durante o crescimento ou, melhor, na fase da floração. As aplicações dos adubos à base de fósforo e de potássio têm lugar pelo menos 10 dias antes da sementeira.

PONCINI, referindo-se às condições da cultura do feijão em algumas regiões produtoras de Itália, aconselha as seguintes adubações:

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sétimo n.º 1436

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

PAGARAM A ASSINATURA

1991/92/93 — Manuel Boucinha Fernandes, Apúlia, 5000\$00. 1992 — D. Maria Amélia Gomes da Costa Marques dos Santos, Rio Tinto, 750\$00; D. Maria de Lurdes dos Santos Serra Barros, Fão, 1000\$00; Manuel Martins, Fão, 750\$00; Francisco Vilar Soares, Porto, 1000\$00. 1992/93 — Feltz Fonte Galfém, Brasil, 1500\$00; Inácio Palmeira, Fão, 1500\$00; Arlindo da Costa Lopes Cardoso, Fão, 1500\$00; Ramiro Sá da Cruz, Fão, 1500\$00; Rui Ferreira da Silva, Fão, 1500\$00; Dr. Orlando Martins Capitão, Sintra, 1500\$00. 1993 — José Lopes Cardoso, Fão, 1000\$00; D. Maria Fernanda Rocha Fortes, Póvoa de Varzim, 1000\$00; Manuel Afonso Novo, Fonte Boa, 1000\$00; Mini-Mercado Flor dos Lirios, Fão, 1000\$00; João Reis Graça, Póvoa de Varzim, 1000\$00; António Reis Graça, Fão, 750\$00; Paulo Germano do Vale Sobral, Estoril, 1000\$00; Prof. António Jerónimo Barros Peixoto, Fão, 1000\$00; António Alexandre Capitão Ribeiro, Esposende, 1000\$00; José Miranda Trindade, Fão, 750\$00; João Armando Gonçalves da Fonte, Porto, 1000\$00; Dr. José Vinha Novais, Fão, 1000\$00; Carlos Domingues da Venda Mariz, Fão, 1000\$00; Abílio Graça do Vale, Fão, 1000\$00; António Cândido Mota Lopes, Fão, 750\$00; D. Alda Telxeira Dias Araújo, Fão, 750\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto, 750\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 1000\$00; D. M.ª Fernanda Telxeira Ferreira Ferraz, Porto, 750\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 1000\$00; Dr. Joaquim Alberto Barros Peixoto, Esposende, 2000\$00; Prof. António Barros Peixoto, Fão, 1500\$00; Prof. Doutor António Ferreira e Brito, Porto, 1500\$00; José Francisco Torres Fernandes, Fão, 1500\$00; D. Esperança Cubelo Arantes, Fão, 750\$00; António Luís Jácome, Braga, 1000\$00; D. Maria Rosália Cardoso Oliveira, Fão, 800\$00; Venceslau Anselmo Rodrigues, Almada, 1000\$00; Abílio Martins Sobral, França, 1000\$00; Alberto Ribeiro Bernardes, Maia, 1000\$00; Manuel Ramos Morgado, Fão, 1000\$00; Valdemar Dias Ferreira de Sousa, Fão, 1500\$00; Manuel Parente de Oliveira, Porto, 750\$00; David da Silva Monteiro Enes, Matosinhos, 750\$00; manuel Oliveira, Braga, 10.000\$00; D. Adelaide Costa Soares, Gaia, 1500\$00; Domingos Vale de Sousa, Fão, 750\$00; D. Amélia Sousa do Vale, Brasil, 1000\$00; José Capitão Neto, Bélgica, 1000\$00; José Pedro Lima de Sá, Fão, 1000\$00; Dr. Alberto Malafaia Baptista, Porto, 750\$00; António Manuel Marques Santos, Rio Tinto, 750\$00; Manuel Malafaia Baptista, Porto, 1000\$00; Jaime Maria Vinha dos Santos, Porto, 1000\$00; Jesus Gomes Viana, Brasil, 1000\$00; António Gomes Viana, Fão, 1000\$00; Cândido Fernandes Gonçalves Casanova, 1000\$00; Adelino Saratva, Fão, 1000\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; Maximino Calafate, Brasil, 1000\$00; Angelino Gomes Maciel, França, 1000\$00; Amândio Ferreira, França, 1000\$00; Manuel de Sousa, França, 1000\$00; João Ribeiro da Silva, Suíça, 1000\$00; Júlio Sá Pereira, Porto, 750\$00; António Oliveira, Esposende, 1000\$00; Dr. Jorge Basto, Porto, 1000\$00; D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues, Fão, 1000\$00; Manuel Lopes Galfém, França, 1500\$00; Maria Hermínia de Jesus Silva, Fão, 750\$00; Rui Manuel Galfém Soares, Fão, 750\$00; Manuel Gomes Neto, Brasil, 2000\$00; Carlos Ferreira Graça, França, 1000\$00; Cândido Ribeiro Galfém, Fão, 750\$00; Manuel de Faria Graça, França, 2000\$00; Amândio da Fonte Galfém, Fão, 1000\$00; Francisco Ventura Peixoto, Canadá, 5000\$00; Belmiro Cândido Gomes Viana, Canadá, 2000\$00; Nóvoa & Nóvoa, Esposende, 1000\$00; D. Olívia Gonzalez Araújo, Porto, 1000\$00; Manuel Martins Santos Portela, Aguçadoura, 1000\$00; João Luís Reis, Fão, 1000\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 1000\$00; Manuel Pedras, Fão, 750\$00; José Paulo Ferreira, U.S.A., 1000\$00; Manuel Raimundo Ferreira, Brasil, 1000\$00; Prof. D. Judite Pinto de C. Esteves, Fão, 1000\$00; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 750\$00; Emídio Real Morais, Fão, 2000\$00; Jaime Cardoso da Fonseca, Fão, 750\$00; D. Maria Ferreira Belo, Fão, 1000\$00; José Sá Pereira, Fão, 750\$00; Manuel Lopes, Fão, 750\$00; D. Antónia Gomes da Silva, Fão, 750\$00; Mário Gonçalves da Costa, Brasil, 1000\$00; Dr. Artur Luís Vinha Novais, Viana do Castelo, 750\$00; Mário Fernandes Mano, Barcelos, 5000\$00.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos
Baptizados
Aniversários

Reuniões de Empresas
Estágios Desportivos

BUNGALOWS (TO, T1, T2) nos jardins das piscinas, a preços PROMOCIONAIS POR DIA, SEMANA OU MÊS

Desde: dia: 5.000\$00 — 15 dias: 50.000\$00 — semana: 30.000\$00 — 1 mês: 90.000\$00

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE

TEL. 053 - 98 14 73

FAX 053 - 98 22 65



RARIDADE ARQUEOLÓGICA A NÍVEL NACIONAL: Monumento Megalítico *intacto* escavado em Esposende

O Concelho de Esposende, rico em vestígios arqueológicos de variadas épocas, viu, nos anos de 1989 e 1990 serem escavados três monumentos megalíticos, nas freguesias de Palmeira de Faro (dólmen de Cimo de Vila) e Vila Chã (Antela da Portelagem e Mamoá 3 do Rapido). Todos estes trabalhos foram dirigidos pelo Professor da Universidade Portucalense e director do respectivo Instituto de Arqueologia, Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva. Este arqueólogo é autor de um projecto de investigação, aprovado pelo IPPC/IPPAR, que abrange as áreas do Minho e bacia do Douro, em relação ao estudo do megalitismo destas zonas do país.

Neste Verão, este investigador deu início à escavação de um novo monumento megalítico, no Concelho de Esposende, do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense e do Grupo de Investigação Arqueológica do Norte (GIAN), e com a colaboração de licenciados e alunos da Universidade Portucalense e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Estes trabalhos, realizados, numa primeira fase, de 10 a 24 de Julho, viriam a prolongar-se pelo mês de Agosto, graças à necessidade imperiosa do prosseguimento deste estudo.

De facto, a intervenção efectuada veio a revelar-se de uma inexcusável importância, tanto do ponto de vista científico como patrimonial. A acção desenvolvida por aquele investigador, assessorado pela Dr.^a Conceição Maria Catorze Matias e pelos Drs. Nuno O. Soares e Alexandre Correia, revelou a existência de um monumento megalítico funerário **completamente intacto**, facto de extrema raridade em Portugal, já que os monumentos deste tipo normalmente escavados com metodologias modernas se encontram mais ou menos violados, com remeximentos efectuados ao longo de várias épocas.

Verifica-se, assim, que esta descoberta única, vai fornecer, por certo, um manancial incalculável de dados, que irão constituir um referencial obrigatório no estudo do megalitismo peninsular e europeu.

O megálito é constituído por um dólmen ou anta intacto, coberto por uma mamoá de grandes dimensões. Doze esteios em granito, uma grande laje de cobertura e duas de fecho configuram este monumento. Prevê-se que a construção deste vestígio pré-histórico tenha sido efectuada por volta do 3.º milénio a.c.. O seu estudo irá propiciar um somatório de registo de pormenor, imprescindíveis para a compreensão do processo de construção deste tipo de túmulos, bem como para a apreensão dos rituais de enterramento das culturas neolíticas. Uma apreciável quantidade de ocre foi aqui

localizada, na sua distribuição original, o que acontece, pela primeira vez, no estudo do megalitismo do Norte de Portugal.

Pela importância da descoberta, a escavação está a revestir-se de uma meticulosidade e rigor acrescidos, prevendo-se a continuação dos trabalhos no próximo ano. Registos e colheita de amostras para análises laboratoriais não deixarão de ter a necessária prioridade.

Espera-se das entidades oficiais e da população em geral o melhor apoio e protecção para este monumento, verdadeira joia arqueológica que tanto vem enriquecer o património cultural do país e, particularmente, o Concelho de Esposende, que verá, por certo, aumentar o recheio arqueológico do seu novo Museu com o espólio diversificado que se espera venha a ser encontrado durante as escavações.

— SERVIÇOS DE ARQUEOLOGIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE;

— INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE PORTUCALENSE;

— GRUPO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO NORTE (GIAN).



Monumento funerário

FÃO DE ANTIGAMENTE



Ora cá temos uma fotografia futebolística de 1950. Vamos ver se conseguimos identificar todos os jogadores: Em baixo: Tone Broa, Isaltino, Eurico, Nené e ... será o Adelino Cantoneiro? De pé: Neca d'Ársia, Albertinho, Xico Glória, Quim Xiquita, Júlio Monteiro, Zeca Barqueira, Mané do Pau, Tião Folhetela, Abel Cardoso e Ilídio Mendanha

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO